

# O saldo positivo da visita à França

A visita do presidente da República à França chega ao fim com um bom saldo positivo. O sr. Fernando Henrique Cardoso tem com a França fortes laços afetivos e grande identidade intelectual e soube transformar esses ativos em manifestações de simpatia que se transferiram de sua pessoa para o Brasil. Pode-se dizer que a visita marca um novo estágio das relações bilaterais. Isso se alcançou, é claro, não apenas por exercício de simpatia pessoal. O retorno ao pagamento pontual dos débitos brasileiros junto a organismos franceses foi decisivo para que nosso país voltasse a merecer maior credibilidade. É componente importante nessa recomposição de confiança, também, o programa de abertura da economia e os esforços para a inserção num mundo cada vez mais competitivo, por intermédio da quebra dos entraves que deixavam pouco à vontade os capitais internacionais.

Em encontros com empresários e políticos, o presidente da República deixou claros os seus compromissos com a estabilidade da moeda, a abertura da economia e a reforma do Estado. Os investidores receberam positivamente a sinalização e tudo indica que compreendem as peculiaridades do sistema político brasileiro, que interfere na velocidade e, às vezes, na essência das mudanças. Por outro lado, as conversas do presidente e seus ministros abriram perspectivas para a compreensão do que aqui se faz para conciliar a consolida-

ção da estabilidade monetária com a necessidade de elevar as taxas de crescimento sustentado.

O presidente, contudo, não falou apenas para empresários estrangeiros. Seus contatos com o empresariado nacional que se deslocou para Paris revestiram-se de grande clareza e objetividade. Como o grande inimigo dos negócios hoje são os juros altos, o presidente tratou de vincular as dificuldades dos empresários com as dificuldades do governo, fazendo a relação de causa e efeito

entre os juros e as reformas: "É fácil dizer que os juros não caem, o difícil é conseguir no Congresso as mudanças que façam com que eles caiam sem prejuízo do controle da inflação." Essa, de fato, é a abordagem correta dos grandes problemas nacionais. Eles não existem isoladamente, nem comportam soluções isoladas; são elos encadeados sistemicamente, o que impõe certa disciplina e rigor seqüencial para sua solução. A pedra de toque são as reformas, tanto as que estão no Congresso quanto as que o governo ainda não encaminhou. Se os empresários compreenderem a necessária interligação que existe entre os seus problemas imediatos — juros baixos que permitam a concorrência com financiamentos externos — e os problemas estruturais do País, certamente



se transformarão em aliados atuantes do governo e desviarão parte da pressão que exercem sobre o governo como um todo para o Congresso Nacional. É lá, afinal, que os problemas estruturais vão encontrar solução.

Como sempre acontece quando se ausenta do País, o presidente teve de tomar decisões sobre política interna a distância. Desta vez, precipitou-se o problema sucessório de São Paulo, com o lançamento da candidatura do ministro José Serra. Ao contrário

das vezes anteriores, porém, o presidente agiu no limite da discrição, escolhendo o deputado Antônio Kandir para o Ministério do Planejamento e restando declarações para tornar difícil e postergar aquilo que talvez o tempo torne inexorável: que a reacomodação das alianças partidárias em nível regional se transfira para o nível federal. A economia de suas declarações sobre o tema certamente contribuiu para reduzir o assunto à dimensão local — mesmo assim importante, por se tratar de São Paulo e do fato de São Paulo ser o domicílio eleitoral do presidente.

Do ponto de vista das relações bilaterais, a importância da visita foi mais política que comercial. Reabriram-se as condições subjetivas para que o comércio entre os dois países se

intensifique e tudo indica que os níveis de confiança dos investidores franceses no Brasil se elevaram. Diante desse quadro, os acordos assinados durante a visita são de menor impacto. A eliminação da exigência recíproca de visto para visitantes brasileiros e franceses facilitará o turismo e poupará alguns milhares de pessoas de uma burocracia desagradável, mas isso são apenas os sintomas favoráveis de uma mudança de percepção política. É também de

**A visita a Paris não rendeu novos investimentos, mas criou um bom clima de confiança no Brasil**

chamar a atenção a assinatura de um novo acordo-quadro de cooperação, dentro do qual se consagra o princípio das consultas periódicas e regulares e o acordo de cooperação espacial que começa

com o lançamento de um microsatélite.

Apesar da reafirmação do clima de confiança, da visita do presidente Fernando Henrique Cardoso não devem resultar substanciais investimentos novos da França no Brasil. Os projetos que estavam sob exame já maturaram e foram anunciados. Isso não significa que a oportunidade se perderá. O Brasil pode e deve aproveitar o momento para abrir negociações sobre o protecionismo francês que prejudica nossas exportações.